

Condição social influencia mudança de religião, diz FGV

(Maurício Savarese)

04/05 - 17:51 - Reuters

SÃO PAULO (Reuters) - Viver nas periferias das metrópoles foi motivo nos últimos anos para que muitos brasileiros trocassem a fé católica, majoritária no país, pela crença em igrejas evangélicas pentecostais, segundo o estudo Economia das Religiões, da Fundação Getúlio Vargas.

Nesta sexta-feira, a FGV publicou a parte final do documento no qual aponta que a religião do papa Bento 16, visitante do Brasil na semana que vem, é mais popular entre os pobres do Nordeste e do interior do país e, paradoxalmente, na elite.

Segundo Marcelo Néri, professor da FGV e coordenador do estudo, locais que sofrem pesadamente com o desemprego, a violência e o mau funcionamento do Estado atraem dois extremos: os indiferentes à religiosidade e os animados evangélicos pentecostais, principal grupo fora do catolicismo no país.

Isso está diretamente ligado à nova pobreza, que vive nos entornos das metrópoles. Ela é diferente da pobreza rural, que não tem acesso a serviços públicos, disse Néri a jornalistas.

Esses pobres das áreas rurais continuam muito católicos. Os evangélicos pentecostais e os sem religião crescem na periferia. Eles têm benefícios, mas são mal atendidos. Por isso, mudaram. Quem mudou é quem perdeu mais materialmente.

Nas periferias das regiões metropolitanas, diz o estudo, os católicos somavam 62,93 por cento dos fiéis ante os 73,89 por cento de média nacional em 2003, último dado divulgado. Em 2000, segundo dados do IBGE, os católicos nos entornos das metrópoles eram 65,19 por cento.

Já os evangélicos pentecostais, que totalizavam 15,08 por cento do total nas periferias em 2000, hoje são 17,45 por cento do total. A média nacional é de 16,2 por cento, afirma a FGV.

A exceção a isso é o Nordeste, onde o catolicismo está muito arraigado tanto nos centros urbanos como nas áreas rurais. Ali, apesar da pobreza, os evangélicos têm pouco espaço e a população continua muito católica, descreveu Néri.

Os sem religião totalizam 7,68 por cento das pessoas nos entornos das grandes cidades, de acordo com o estudo, número ainda alto apesar da queda na comparação com os 10,14 por cento vistos na periferia em 2000. Em todo o Brasil, esse grupo soma 5,1 por cento da população.

RENDA E MUDANÇA O crescimento dos evangélicos pentecostais na América Latina é considerado um dos motivos para a visita do papa. Segundo os especialistas, a vinda do pontífice vai reanimar os católicos no Brasil, os mesmos que a FGV vê concentrados nas maiores faixas de renda.

A pesquisa apontou que na classe média, que ganha entre 10 e 15 salários mínimos mensais, quase 74 por cento são católicos e 11,01 por cento são evangélicos pentecostais.

Na elite da elite, com rendimentos acima de 45 salários mínimos, o número salta para 77,57 por cento de fiéis do papa, com os pentecostais reduzidos a apenas 3,48 por cento. O professor Néri afirmou que, quanto maior for a renda, maior é a dificuldade de empatia com a doutrina evangélica pentecostal.

Na faixa entre 2 e 4 salários, no entanto, a proporção dos evangélicos sobe a 14,94 por cento, enquanto a dos católicos fica em 73,26 por cento. Entre os que ganham menos de dois salários mínimos mensais, 10,89 por cento são pentecostais.

Para o professor da PUC-SP Edin Sued Abumanssur, especialista em pentecostalismo, a popularidade dessa corrente entre os mais pobres é um reflexo do interesse dos migrantes e dos interioranos pelo catolicismo nas suas regiões de origem.

O pentecostalismo é a versão urbana do catolicismo popular camponês, com muito culto aos santos e cheio de festas.

Nesses lugares, a Igreja Católica tem mais apelo. Nas metrópoles, isso não bate com a sociabilidade das pessoas nem com o modo de produção. É aí os evangélicos comem pelas beiradas, disse.

Uma dessas novas evangélicas da periferia é a ex-católica Jesuína Silva, 45 anos e mãe de três filhos. Desempregada, ela veio de Minas Gerais para um acampamento na zona Sul de São Paulo, onde vive com outras 12 mil pessoas instaladas em tendas de lona. Diz não ter encontrado respostas na Igreja Católica.

Eu estava precisando de ânimo e só consegui isso sendo crente. Fui católica a vida toda, mas acho que a Igreja não está perto da gente. Na igreja evangélica, o pastor é que nem a gente e sabe das dificuldades que tem aqui, afirmou.

Com base em dados da pesquisa, o professor Néri disse ainda que 5 bilhões de reais por ano são movimentados com dízimos e doações a instituições religiosas, incluindo orfanatos.

/td>